



SEÇÃO: OUTROS TEMAS

Ser professor(a) em “tempos complexos”: do mal-estar social ao mal-estar docente – diálogos na interface Psicanálise e Educação

Being a teacher in “complex times”: from social malaise to teaching malaise – dialogues at the Psychoanalysis and Education interface

Caren Castelar Queiroz Lara¹

orcid.org/0000-0003-4810-6317
carencqueiroz@gmail.com

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida¹

orcid.org/0000-0002-1292-7327
inesmmpiresde@gmail.com

Katilen Machado Vicente Squarisi¹

orcid.org/0000-0002-7461-2718
katilensquarisi@gmail.com

Silvano Messias dos Santos²

orcid.org/0000-0001-5003-7184
silvano.messias.santos@gmail.com

Recebido em: 12 fev. 2024.

Aprovado em: 15 out. 2024.

Publicado em: 19 dez. 2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: Este estudo tem como foco a análise do mal-estar de professores sob uma perspectiva psicanalítica. Para tanto, mediante diálogos com Freud e autores de estudos psicanalíticos no campo da educação, parte do pressuposto de que há mal-estares docentes que transcendem a dimensão estritamente escolar, por tratar-se de um ofício ameaçado pela precarização simbólica do lugar que ocupa no contexto social. As narrativas docentes extraídas de três pesquisas inscritas na interface Psicanálise e Educação apontam complexos e desafiadores impasses provocadores de mal-estares entre os professores na atualidade: a desvalorização da profissão e as condições insatisfatórias de trabalho, a problemática da violência e da indisciplina escolar, a perda da autonomia docente e a crise da autoridade docente na escola contemporânea, a ausência de reconhecimento, a culpabilização do professor pelos fracassos escolares associada às excessivas demandas e expectativas direcionadas à figura do professor advindas de várias direções (currículo escolar, especialistas, pais, alunos, comunidade, Estado), entre outros. Esses entraves se repercutem no mal-estar entre os professores, que, por vezes, manifestam padecimentos psíquicos e diferentes formas de renúncia em relação à profissão. Conclui-se que, em face do mal-estar na civilização e na educação, os professores querem – e necessitam – falar. Nessa direção, a Psicanálise desponta como possibilidade de fazer circular a palavra, ou seja, construir, *com* e *para* os professores, espaços sensíveis e acolhedores de fala e escuta, para que possíveis saídas emergjam da elaboração e da ressignificação da angústia inerente à existência e do educar em contextos caracterizados pela complexidade contemporânea, permitindo novos modos de subjetivação e enfrentamento do real.

Palavras-chave: mal-estar na civilização, mal-estar docente, psicanálise e educação.

Abstract: This study focuses on analyzing teachers' discomfort from a psychoanalytic perspective. To this end, in dialogues with Freud and authors of psychoanalytic studies in the field of education, it is based on the assumption that there are teaching discomforts that transcend the strictly academic dimension as it is a profession threatened by the symbolic precariousness of the place it occupies in the social context. The teaching narratives extracted from three studies included in the Psychoanalysis and Education interface point to complex and challenging impasses that cause discomfort among teachers today: the devaluation of the profession and unsatisfactory working conditions, the problem of violence and school indiscipline, the loss of teaching autonomy and crisis of teaching authority in contemporary schools, the lack of recognition, the blaming of teachers for school failures associated with excessive demands and expectations directed at the figure of the teacher coming from various directions (school curriculum, specialists, parents, students, community, State), among others, have repercussions on the discomfort among teachers, who, at times, manifest psychological ailments and different forms of renunciation in relation to the profession. It is

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

² Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, BA, Brasil.

concluded that, faced with the malaise in civilization and education, teachers want – and need – to speak out. In this direction, Psychoanalysis emerges as a possibility to circulate the word, that is, to build with and for teachers sensitive and welcoming spaces for speaking and listening, so that possible solutions can emerge from the elaboration and resignification of the anguish inherent to existence and educating, in contexts characterized by contemporary complexity, allowing new ways of subjectivation and confronting reality.

Keywords: civilization malaise, teacher malaise, psychoanalysis and education.

Introdução

O presente trabalho emerge de inquietações decorrentes da constatação do lugar que a questão do mal-estar docente ocupa – o de eixo norteador – em três pesquisas inscritas no campo Psicanálise e Educação e realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB), na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação (EAPS). Essa tríade compreende a dissertação "Formação de professores em ambiente hospitalar: uma leitura a partir da psicanálise na educação" (Lara, 2021) e as teses "Memória educativa de professores do PNAIC: uma leitura psicanalítica do mal-estar na alfabetização" (Squarisi, 2021) e "Impasses no aprender e ensinar Ciências Exatas: o saber e a profissão professor entre o desejo e a renúncia – uma leitura pela Psicanálise-Educação" (Santos, 2023). Em tais estudos, as narrativas dos professores apontam a existência de um mal-estar na área da educação, o qual se revela associado ao "mal-estar na civilização" (Freud, 1930/1996).

Ao partirmos do entendimento de que ser professor(a) em e para "tempos complexos" envolve desafios que cotidianamente põem à prova a profissão docente, compreendemos que "forças de ligação" e "forças de ruptura" operantes na sociedade também se manifestam na instituição escolar (Blanchard-Laville, 2005), com possíveis repercussões visíveis e invisíveis no ser, no saber e no fazer docentes. Ademais, assim como pontua Pereira (2017, p. 71), as narrativas docentes que permeiam os três estudos mencionados e outros compartilhados ao longo deste trabalho sugerem uma "angústia generalizada" que afe-

ta os professores – desdobrando-se nos mais diversos sintomas –, especialmente entre os profissionais da Educação Básica, sobretudo de escolas públicas: "se dizem cada vez mais deprimidos, estressados, esgotados, angustiados, hipermedicalizados, em pânico ou desistentes".

Este texto está organizado em cinco seções. Inicialmente, discutimos o mal-estar na educação sob uma perspectiva que extrapola o estritamente escolar. Na continuidade das reflexões, problematizamos acerca do ser, do saber e do fazer docentes em e para "tempos complexos", questionando as possíveis implicações dos "novos tempos" no bem-estar e no mal-estar dos professores, que comumente externam modos bem específicos e atuais de sofrimento psíquico. Em seguida, apresentamos recortes sobre o mal-estar docente em estudos psicanalíticos no campo da educação. Enfim, para (in)concluir, pensamos possíveis saídas ante a concepção freudiana da "impossibilidade estrutural" que tangencia a educação, em especial a profissão docente.

1 O mal-estar na civilização e na educação: do social ao escolar

A partir de suas investigações com pacientes histéricas, Freud (1856-1939) se dedicou à tarefa de pesquisar a natureza do sofrimento humano, dando origem à Psicanálise. Após mais de um século de sua "invenção", essa abordagem ainda nos permite compreender o mal-estar que permeia a sociedade contemporânea.

Na atualidade, observamos um arranjo social predominantemente estruturado sob o paradigma capitalista, caracterizando-se por contínuos e acelerados avanços tecnológicos e digitais, padrões de consumo e modos de vida. Tal cenário afeta, para o bem ou para o mal, "as maneiras como as crianças, jovens e adultos pensam, expressam, se relacionam, comunicam, consomem, trabalham, produzem, aprendem, ensinam", local e globalmente (Santos, 2023, p. 127). Neste contexto, crenças, costumes, valores e hábitos desempenham um papel significativo, contribuindo para uma sociedade progressivamente

competitiva e marcada por desafios relacionados à saúde. Assim, consideramos que *O mal-estar na civilização*, publicado por Freud em 1930, revela-se notavelmente atual: sua análise sobre a civilização como geradora de mal-estar(es) permanece relevante para outras possíveis leituras sobre os dias de hoje, apesar do intervalo temporal que nos separa da obra, permitindo-nos (re)pensar e acompanhar as subjetividades de nosso tempo.

Freud (1930/1996) discorre sobre a incompatibilidade inevitável entre as exigências do inconsciente e as restrições impostas pela civilização, abordando-a como uma fonte de mal-estar. Também destaca situações de impasses que conduzem o ser humano ao sofrimento – dada a impossibilidade de completude e "gozo pleno" –, como o declínio natural do corpo (envelhecimento-morte), as imperfeições de ordem legal (as leis) e as demandas internas por satisfação (desejo), entre outros desafios. Segundo o autor, o propósito que permeia a existência humana na incessante busca pela felicidade é o "programa do princípio de prazer", que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Essa questão também foi discutida por Freud (1920) em *Além do princípio do prazer*: desde o nascimento, instintivamente buscamos prazer e evitamos desprazer, em todas as circunstâncias e esferas sociais (como aquelas de ordem profissional, objeto deste trabalho).

Enquanto somos bebês, o nosso ego não define as fronteiras entre o Eu interior e o meio externo. Elas são construídas por inúmeras e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer. Exemplifica Freud (1996/1930, p. 28):

Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos. Ela deve ficar fortemente impressionada pelo fato de certas fontes de excitação, que posteriormente identificará como sendo os seus próprios órgãos corporais, poderem provê-la de sensações a qualquer momento, ao passo que, de tempos em tempos, outras fontes lhe fogem – entre as quais se destaca a mais desejada de todas, o seio da mãe –, só reaparecendo como resultado de seus gritos de socorro. Desse modo, pela primeira vez, o

ego é contrastado por um "objeto", sob a forma de algo que existe "exteriormente" e que só é forçado a surgir através de uma ação especial.

Assim, começa no indivíduo (bebê) o movimento em direção à implementação do princípio da realidade, destinado a guiar o desenvolvimento pessoal futuro, promovendo o reconhecimento de um mundo externo. Desde os primórdios, a constituição do humano ocorre nesse movimento ambivalente de busca incessante de algum sentido relacionado à nossa condição de existir no mundo. Como aponta Freud (1996/1930, p. 32):

Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

Para Freud (1930/1996), cultura refere-se à soma das realizações e construções que afastam a vida humana do reino animal, desempenhando dois propósitos fundamentais: a proteção dos humanos contra as forças da natureza e a regulação das interações entre os indivíduos. Assim, o pensamento freudiano introduz uma nova abordagem em relação ao conceito de civilização: os processos civilizatórios procuram gerenciar as pulsões agressivas inerentes ao indivíduo. Portanto, a Psicanálise evidencia que enfrentamos uma perpétua dicotomia entre nossos desejos e as pressões sociais que nos envolvem. Dessa maneira, entende-se que, na perspectiva freudiana, o mal-estar é um efeito da cultura; logo, o sofrimento é constitutivo do humano e da sociedade.

Atualmente, são cada vez mais notáveis a expressiva medicalização, o demasiado uso de substâncias ilícitas, as buscas por diagnósticos médicos e os crescentes números de adoecimentos ligados à saúde mental. Esses são possíveis sinais do "excesso de angústia" presente na sociedade moderna. Diante do exposto, o

mal-estar na educação tem sido evidenciado pelo adoecimento dos profissionais, pela evasão escolar, pela violência nas instituições de ensino e por vários outros sintomas escolares e extraescolares visíveis e invisíveis em nossa época. Esses fenômenos desvelam aspectos significativos para (re)pensarmos os desafios e dilemas enfrentados no cenário educacional contemporâneo, da Educação Básica à Superior, pública e privada, resguardadas suas especificidades.

2 Ser professor(a) em e para “tempos complexos”: implicações no bem-estar e no mal-estar docentes

“Novos tempos”, “tempos líquidos”, “era planetária”, “tempos de incertezas”, “tempos cibernéticos”, “tempos tecnológicos”, “tempos de globalização”, “tempos de pós-verdade”, “tempos pós-modernos”, “mundo pós-pandemia”, “tempos complexos”, entre outras expressões, são termos apontados por diferentes autores em estudos sobre “nossos tempos”. Neste trabalho, entendemos por “tempos complexos” uma sociedade em contínuas e complexas mudanças (sociais, culturais, tecnológicas, econômicas, políticas, ambientais, educacionais), nos níveis local, regional e global, as quais não ocorrem linear e isoladamente, mas estão direta e/ou indiretamente interconectadas – com repercussões visíveis e invisíveis na vida dos sujeitos que nela habitam e interferem –, metamorfoseando-se simultaneamente. Como sujeitos do desejo inseridos no campo da palavra e da linguagem, homens e mulheres carregam as “marcas” das estruturas históricas, sociais e culturais, inscrevendo-se psiquicamente e construindo (singularmente) suas subjetividades.

Assim, como evidenciado anteriormente, os professores, imersos num espaço social e historicamente situados, pensam, expressam-se, consomem, produzem, aprendem e ensinam sob influências do desejo do Outro. Como pontua Blanchard-Laville (2005), “forças de ligação” e “forças de ruptura” operantes na sociedade “comparecem” na instituição escolar e consciente/inconscientemente influenciam o ser, o saber e o fazer docentes.

O mal-estar gerado e os sintomas de adoecimento, flagrantes nos discursos dos professores atualmente, da Educação Básica à Superior, não emerge(m) desconectado(s) do contexto contemporâneo e devem ser (re)pensados em diálogos que abarquem as vicissitudes da história da educação. É flagrante a repetição dos problemas e desafios que permeiam o campo educacional – muitos dos quais, seculares –, travestidos ou não de outras facetas. Como pontua Pereira (2008, p. 20), “a função de professor em nossa história próxima sofreu considerável desgaste intelectual, social, cultural e econômico”. O idealizado professor/mestre de antigamente tornou-se um profissional envolto de “massificação industrial, comunicacional e tecnológica, bem como a inabilidade em lidar com as manifestadas identidades e diversidades culturais emergentes e ingressas nas instituições educativas”.

As recentes demandas educacionais ultrapassam a esfera do ensino. O professor tem sido tomado por um excesso de função e responsabilidades que, por vezes, extrapolam o papel docente, implicando adoecimento físico, emocional e psíquico. Segundo Voltolini (2018, p. 49):

A escola não é mais apenas lugar de ensino, ela é um meio de vida. Cabe ao professor ensinar, dar suporte psicológico e social a seus alunos, ocupar-se de certos entraves da vida familiar deles quando atravessam a questão escolar, intervir nos conflitos entre alunos, gerir o fracasso escolar e a evasão, interagir com seus pares docentes, sintonizar seus trabalhos em nome de uma interdisciplinaridade, organizar-se em seus sindicatos, etc.

Para Freud (1937/1996), a educação é o campo da falta, no qual é da ordem do impossível atingir resultados plenamente satisfatórios. Nessa direção, em *Os professores entre o prazer e o sofrimento*, Blanchard-Laville (2005) propõe que o espaço escolar é constituído de mal-entendidos, incertezas, cobranças, desejos, discursos do Outro, invólucros psíquicos. Ela analisa a relação do professor com o saber, a profissão e os sujeitos no espaço didático e psíquico da sala de aula, tratando dos prazeres e sofrimentos ligados à docência e das provações inerentes a esse lugar “impossível de ocupar”. Segundo a autora,

o reconhecimento e a autoestima deixaram de ser tão evidentes, e o mal-estar na educação não está dissociado do mal-estar na civilização. Nas palavras de Blanchard-Laville (2005, p. 25):

Não desejo simplesmente unir minha voz ao concerto organizado da queixa generalizada, nem apoiar essas reivindicações insistentes contra um sistema que estaria se degradando dia após dia. É claro que poderosas forças de ruptura atuam na sociedade; nós o sabemos em particular desde Freud e seu *Mal-estar na civilização*. Esse conflito entre as forças de ligação e as forças de ruptura age também na instituição escolar. Por que, de resto, seria ela poupada?

Portanto, de acordo com Pereira (2020, p. 47), "a psicanálise passou a se interessar pelas vicissitudes do 'Isso' [inconsciente], do desejo, da pulsão, do mal-estar e do sintoma no âmbito educativo". Em diálogos com ambos os autores, Santos (2023, p. 338) pontua que "as queixas generalizadas e insistentes dos professores sugerem a degradação em movimento de um sistema que ultrapassa os limites das instituições de ensino, pois engloba o contexto político-social mais amplo no qual estão inseridas". Em "tempos complexos", reitera esse autor, as forças de ruptura que atuam na sociedade afetam o interior das escolas e, como consequência, o trabalho docente e o ser professor(a), tornando-o cada vez mais ameaçado e adoecido. **É possível identificar** ataques sutis e expressos direcionados à liberdade de cátedra, com implicações no ensinar, no aprender, no pesquisar; tentativas de silenciamento ou "enclausuramento" da pluralidade de ideias e concepções pedagógicas nas instituições escolares; desejos latentes e manifestos de militarização da educação e movimentos em torno de propostas como *homeschooling* e "escola sem partido"; insatisfações sociais em relação à abordagem na escola de temas como gênero e sexualidade.

Diante desse cenário, o professor se vê questionado em seu ser, seu saber e seu fazer. De acordo com Fanizzi (2021, p. 118), "a despeito da forma que tomam, o que permanece é a necessidade estrutural de que algo seja colado ao professor para complementar aquilo que supostamente falta ao adequado modo do ser

e do fazer docentes". A autora ressalta, ademais, que a percepção a respeito do professor como *insuficiente à docência* não parte apenas dos outros: "tal sensação, lapidada com feições de um mal-estar, é hoje também compartilhada pelo próprio professor" (Fanizzi, 2021, p. 118). Ao incorporar o discurso do Outro, o docente se culpabiliza em face dos infortúnios da educação e, não raro, adocece.

3 Recortes sobre o mal-estar docente em estudos psicanalíticos no campo da educação

Expressões como "mal-estar docente", "depressão", "síndrome de *burnout*", "estresse profissional", "esgotamento emocional", "angústia laboral", "frustração", "despersonalização", "sentimentos contraditórios", entre outras, são encontradas em estudos no campo educacional sobre a profissão docente (Pereira, 2016). Comumente, dos professores podemos escutar comentários, desabafos e denúncias do tipo: *essa escola que está aí adocece* (Sacco, 2017). E que escola é essa que adocece?

Carneiro *et al.* (2021), ao investigarem a panorâmica dos trabalhos produzidos no campo Psicanálise e Educação referentes ao mal-estar de professores, questionam quais assuntos aparecem articulados a esse tema nos estudos atuais. Os autores identificaram uma diversidade de temáticas com as quais o mal-estar docente desponta sutil e/ou expressamente interligado: gênero e sexualidade, relações de saúde e trabalho, ideal de bons professores e de alunos, educação especial/inclusão, violência escolar, síndrome de *burnout*, drogas, gestão e formação docente, entre outras.

As produções acadêmicas analisadas pelos autores supracitados desvelam que as práticas de inclusão e a violência enfrentada pelos professores, individual e coletivamente, sobressaem como as temáticas mais relacionadas ao mal-estar docente. As tentativas de inclusão escolar acarretam o "sentimento de despreparo" dos professores – muitas vezes articulado ao desamparo – diante das necessidades dos estudantes

ditos "especiais", com os quais aqueles "não sabem lidar", o que se reflete nas relações com os sujeitos e destes com o saber, a instituição e demais atores e espaços escolares. Já a violência relacional – entre alunos (como o *bullying* escolar), de aluno para professor ou de professor para aluno, de agentes externos contra a escola ou seus membros, entre outras formas – é um dos principais elementos provocadores de mal-estar entre os professores.

Ademais, sublinham Carneiro et al. (2021), para além do mal-estar docente no que concerne à educação inclusiva e à violência, destacam-se os estudos dedicados à saúde do professor: discussões em torno da manifestação somática do mal-estar docente, do padecimento e do adoecimento psíquico de professores, muitas vezes provocado e/ou intensificado no e pelo exercício docente, com possível repercussão na "renúncia professoral". Nas palavras de Sacco (2017, p. 2014), a "retirada de cena" do professor – seja pela recusa em tornar-se ou continuar docente, pela desistência ou mesmo pelo adoecimento, pelo padecimento e pela demissão subjetiva em exercício – "anuncia o fato de não ter encontrado um lugar de enunciação pressuposto pelo Estado, pelas instituições de formação, pelo imaginário social, pelos alunos etc.; todavia não fundado. De fato, trata-se de um lugar enunciado, porém não dado".

Segundo Pereira (2016, p. 39), estudos diversos evidenciam que *o mal-estar docente é real*: "a angústia, o estresse e o mal-estar têm sido cada vez mais presentes no seu exercício profissional". Em pesquisa própria, o autor pontua que, no cotidiano de docentes da Educação Básica, sobretudo de escolas públicas, de acordo com pesquisa-intervenção de orientação clínica realizada, "tem sido comum eles se queixarem das mais diversas formas clínicas de sintoma como depressão (a mais recorrente), estresse, transtorno bipolar, fenômenos de pânico, problemas alimentares, obsessões, compulsões ou algum tipo de dependência química" (Pereira, 2017, p. 72). Ademais, "queixam-se ainda de certa paralisia profissional e também das síndromes de *burnout*

e da 'desistência', mal compensadas com o uso contínuo de psicofármacos, com as licenças médicas e mesmo com os desvios de função" (Pereira, 2017, p. 72).

Assim, com respeito aos dilemas e desafios da profissão docente na atualidade, os estudos psicanalíticos no campo da educação apontam para uma multiplicidade de elementos que permeiam o mal-estar dos professores. As queixas docentes contornam complexas questões, entre as quais: a desvalorização da profissão (baixos salários e plano de carreira desmotivante, sobrecarga de trabalho e extensas jornadas laborais, condições precárias de trabalho, desprestígio social da profissão, desrespeito dos estudantes e da sociedade em geral em relação aos professores); a culpabilização do professor pelos fracassos escolares; a perda da autonomia profissional e a crise da autoridade docente na escola contemporânea; as excessivas demandas e expectativas direcionadas à figura do professor, advindas de várias direções (currículo escolar, especialistas, pais, alunos, comunidade, Estado). Esses fatores repercutem no bem-estar dos educadores e, não raro, afetam o desejo de manter-se na profissão, podendo, assim, levar professores veteranos e iniciantes a diferentes formas de renúncia e padecimento em exercício (Santos, 2023).

Em suma, o "mal-estar docente" se destaca como um dos temas mais pesquisados e debatidos na atualidade, sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, numa pluralidade de linhas de pesquisa em programas de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, e em eventos acadêmico-científicos nacionais e internacionais. Diante desse cenário, podemos pensar que o significativo quantitativo de trabalhos acadêmicos e debates em torno de tal assunto anuncia, no mínimo, que "algo não anda bem" e incomoda.

Com efeito, os estudos psicanalíticos no campo da educação sobre o mal-estar de professores contribuem no sentido de *apontar para o real, à falta-para-ser* (Kupfer, 2013). Portanto, sem pretensão de oferecer ao professor novas técnicas ou garantias para o ser, o saber e o fazer docentes, tampouco apresentar "soluções" para

problemas educacionais "provocadores" de mal-estar, esses estudos emergem a partir de "outra cena" – avessa a qualquer modelo, ou seja, para além do discurso pedagógico hegemônico racionalista-cientificista – e se sustentam no desejo de possibilitar "escutas e leituras sensíveis" de impasses manifestos e latentes presentes nos espaços escolar e extraescolar, com os quais professores e estudantes se relacionam consciente e/ou inconscientemente em suas singulares tentativas de lidar com o "impossível da educação" (Santos, 2023).

4 O mal-estar docente em narrativas de professores

No contexto do PPGE/UnB, ressaltamos três estudos desenvolvidos no campo Psicanálise e Educação que abordam a problemática do mal-estar vivenciado por professores: a dissertação de Lara (2021) e as teses de Squarisi (2021) e Santos (2023), citadas anteriormente. Esses trabalhos convergem para o tema "mal-estar docente", o qual emerge a partir de narrativas dos professores participantes das pesquisas, constituindo-se como um eixo norteador comum entre as exposições dos autores.

No trabalho desenvolvido por Lara (2021, p. 89), o eixo norteador "mal-estar docente" refere-se "aos sentimentos inscritos sobre a ausência do reconhecimento do Outro, no qual estão envolvidas as limitações existentes no ato de educar, o aluno compreendido de modo idealizado e a psicologização do ensino". A partir de entrevistas semiestruturadas, as professoras participantes da pesquisa relatam o sentimento de mal-estar presente no ato educativo no espaço hospitalar (Lara, 2021, p. 89):

Se eles vissem essa importância, com certeza eles dariam mais apoio para grupo que trabalha nessa área. Porque a gente é só, a gente se vira com tudo, não só a parte pedagógica, a estrutural, a material, tudo é a gente que resolve no hospital. (Professora B – entrevista)

A Secretaria de Educação do DF não compreende, pelo abandono que a gente tem no dia a dia, né. Eu tô aqui há quantos anos, quantas pessoas que passaram, que nos ouviram, que nos chamaram, foram poucas. A gente é abandonado. Isso

faz crer que a gente não é importante. A gente só tem cobranças, ninguém vem acolher a gente e perguntar, o que falta? O que vocês gostariam? Não. Eles acham que a gente não faz nada. Que a gente não cumpre nada pelo feedback que eles nos dão, pelas cobranças que chegam pra gente. Eu me sinto muitas vezes humilhada pela forma que eles abordam a gente, pela falta de reconhecimento, exatamente, já me senti várias vezes. (Professora B – entrevista)

Observa-se que a falta de reconhecimento por parte do Outro, representado pela instituição social, ocasiona repercussões significativas para as professoras. Nessa direção, Fanizzi (2023) refere-se ao esvaziamento da dimensão simbólica do ensinar, a "ninguém-dade" do professor, sem lugar social. A disparidade entre o discurso e a compreensão do papel do professor no ambiente hospitalar, bem como as divergências entre a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Educação, resultam em sintomas inexprimíveis na construção da constituição subjetiva do ser docente nessa conjuntura.

Ademais, ressalta-se também que o aluno idealizado não corresponde à versão real encontrada no ambiente hospitalar. As entrevistas levantaram questões relacionadas à representação do aluno ideal no âmbito escolar e como as disparidades entre a idealização e a realidade são intensificadas pela condição de adoecimento, pois acentuam o desvio desse padrão de aluno idealizado e adaptável, sempre pronto para aprender. A própria situação de adoecimento provoca uma reflexão sobre a criança escolar que havia sido concebida anteriormente (Lara, 2021, p. 91).

Eu acho que o maior problema, é ao meu ver, depende do adoecimento, do tipo de doença, da patologia que a criança apresenta que, às vezes, é uma dificuldade motora, ou, às vezes, enfim, por causa da doença a criança ela demonstra apatia, não demonstra tanto interesse, e isso, às vezes, isso me causa uma certa frustração, de querer ir atrás, falar "poxa, mas a pessoa nem está interessada"; mas, assim, eu acabo depois entendendo a condição da criança e procuro outros meios: não quer estudar, não quer ler o livro, não quer fazer a atividade, então vamos tentar uma outra estratégia para aquela criança, para que ela possa tirar o máximo de proveito possível. (Professora E – entrevista)

Considerando as narrativas apresentadas e as

evidências constantes nas pesquisas de Squarisi (2021) e Santos (2023), é possível reconhecer que, independentemente do espaço educativo, seja o escolar ou o hospitalar, são flagrantes, entre os profissionais da educação, os sentimentos de impotência e frustração diante do ato educativo. Ainda que desejem dominar a "cena educativa", conforme os cursos de formação visam "prepará-los", os docentes não têm controle do que acontece no ato educativo – pois não existe o aluno idealizado – e não conseguem programar o que é ensinado ou aprendido, e os diagnósticos não indicam "o que fazer" para o aluno aprender. Em outras palavras, reiteramos que em educação não existem garantias quanto ao alcance dos resultados planejados, o que, segundo os relatos docentes, parece contribuir para a emergência ou intensificação de um mal-estar que transcende a dimensão particular desse ou daquele professor e atinge a coletividade.

No estudo realizado por Squarisi (2021), são analisadas as percepções dos educadores envolvidos no processo de alfabetização, focando-se as dimensões subjetivas e formativas que se manifestam diante das adversidades inerentes ao ato educativo. Um dos eixos da pesquisa remete ao "mal-estar na alfabetização diante dos impasses na constituição do professor", questão que se revela como desafio crítico na formação e na práxis dos educadores. Essa análise relata a complexidade das experiências humanas dos professores, pois eles são, também, pessoas, abarcando aspectos como desejos, incertezas, dúvidas, desvalorização, pressões sociais, falta de reconhecimento, entre outros, que contribuem para o surgimento e/ou intensificação do mal-estar no contexto educativo.

A memória educativa, reconhecido dispositivo de pesquisa inspirado nos registros freudianos e proponente da "escrita-leitura de si", foi utilizada no estudo de Squarisi (2021). Por meio de um retorno às vivências escolares e extraescolares, as narrativas dos professores permitiram elucidar impasses expressamente ditos (conscientes) e outros (não) ditos presentes nas entrelinhas do dizer (inconscientes), componentes do ato edu-

cativo – ainda que os professores não percebam /isso –, gerando possibilidades de mal-estar, em especial no tocante aos desafios subjetivos e sociopolíticos de ser professor alfabetizador.

Entre prazer e sofrimento, as memórias educativas dos professores revelaram que o período de alfabetização é frequentemente marcado por experiências "provocadoras" de mal-estar – nos docentes e também nos estudantes – e consiste em um importante momento do processo de escolarização, quando se produzem "marcas subjetivas" que, positiva ou negativamente, podem repercutir na singular relação que os sujeitos professor e aluno estabelecem com o conhecimento e o saber em suas tentativas de aprender e ensinar (Squarisi, 2021, p. 128):

Lembro-me claramente da professora alfabetizadora. Era de pele clara, cabelos curtos, estatura baixa, unhas grandes, sempre vestida com calças jeans, sempre apressada e nervosa, com uma régua de 1 m em sua mesa. Seu nome era J. Ainda hoje ressoa em minha mente a primeira frase com a qual fui recebida: "Não acredito, mais uma aluna a essa altura do ano! O que vou fazer? E logo se dirigiu a mim com um olhar fulminante: "Você sabe ler? Então vá para o grupo dos fracos! Vou ver o que faço com você". (Professora A* – memória educativa)*

Não fui acolhida pela professora. A pior experiência neste contexto foi o dia em que a professora definiu que ninguém ia embora antes de "dar" o vocabulário. Os alunos começaram a ir embora e eu não entendia o que era pra fazer e fui ficando... todos foram embora e eu comecei a chorar desesperadamente sem entender que dar o vocabulário era decorar o quadro de sinônimos que tinha embaixo do texto lido. Só pude ir embora porque minha mãe foi me buscar, preocupada com o atraso. (Professora R – memória educativa)*

É importante sublinhar que a referida pesquisa foi realizada durante a pandemia da Covid-19, a qual impôs novos desafios e incertezas à docência. Afinal, como alfabetizar uma criança por meio remoto? Essa e outras questões atravessaram o estudo, evidenciando dificuldades enfrentadas pelos educadores, por exemplo, em relação à adoção e ao manejo pedagógico de tecnologias para a condução de aulas remotas. Isso gerou um aumento considerável no mal-estar entre os professores, como exposto no relato a seguir

(Squarisi, 2021, p. 135):

Em relação às tecnologias... Assim você se sente... eu realmente me senti muito triste, já chorei, minha filha que me ajuda, eu não vou negar, minha filha entende. Né? Hoje já estou melhor, meu marido, meus filhos, ajudam. Mas minha filha entende melhor e precisa vir aqui em casa para me ajudar. Então é sempre muito difícil. Aquele curso que a EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos profissionais da Educação) ofertou, eu fiz o que tinha que fazer, eu fiz. O bom são as trocas com as colegas da escola que dominam a tecnologia, mas sinto incomodar. E se elas precisam de alguma coisa eu ajudo. Vejo que até um menino sabe lidar com a tecnologia. Me sinto humilhada, e a gente que é mais velha sofre. Não estou gostando das mudanças, a gente fica assim chateada mesmo. Poucas famílias estão conseguindo acompanhar. Você já não sabe mais o que fazer!. (Professora A* – entrevista)

As novas tecnologias e mídias eletrônicas introduzem novos desafios ao conhecimento e à incorporação dessas ferramentas nas escolas, com implicações na relação entre os sujeitos e destes com o saber. Como desvelam as narrativas docentes, o mal-estar, nesse contexto, pode ser exacerbado pela sobrecarga de informações e pela dificuldade de compreendê-las e transmiti-las rapidamente. Sem um "planejamento implicado", isto é, associado ao trabalho individual e coletivo de reflexão crítica, a mera adoção de tecnologias dificilmente será sinônimo de sucesso educativo.

Ao refletir sobre o caminho percorrido de aluno(a) a professor(a), Squarisi (2021) ressalta que muitos participantes da pesquisa resgataram, em suas memórias, prazeres e sofrimentos vividos no percurso formativo até se tornarem professores alfabetizadores, revelando que questões geradoras de mal-estar, tanto na esfera individual quanto na coletiva, têm um impacto relevante em suas trajetórias pessoais e profissionais, dada a impossibilidade de separar Eu-pessoal e Eu-profissional. As entrevistas e memórias educativas escritas destacaram as experiências vividas como estudantes e, similarmente aos achados de Santos (2023), a "relação traumática" com a disciplina Matemática, frequentemente apontada nas narrativas como geradora de sofrimento (Squarisi, 2021, p. 132):

Me vem à memória também a professora I', da 3ª série. Dela não tenho memórias positivas. Era carrancuda, não falava quase nada e enchia o quadro de "continhas de menos" que eu não entendia nada. Ela gostava de chamar seus alunos para resolvê-las no quadro e eu, claro, detestava aquilo porque não entendia como resolver, e ela insistia em me fazer ir lá. Eu ia, não fazia nada, ficava lá parada. E acha que ela explicava então como fazer? Nem pensar! Só me olhava com aqueles olhos de reprovação. Naquele ano tive certeza de que odiava a matemática e não tinha nascido pra ela. Na reunião de fim de ano, ela disse para minha mãe que iria me aprovar porque acreditava que eu sabia e estava apenas com alguma espécie de bloqueio. (Professora M* – memória educativa)

A pesquisa aponta, ainda, o declínio da função educativa e o desprestígio social da instituição escolar. Sendo assim, os professores, cada um à sua maneira, desenvolvem estratégias subjetivas para lidar com o mal-estar decorrente dessa situação. O estudo também evidencia quanto o aspecto social e cultural está frequentemente sujeito à tentativa de padronização.

Santos (2023), por sua vez, buscou identificar e analisar, sob uma perspectiva psicanalítica, os impasses que atravessam o aprender e o ensinar (nas) Ciências Exatas, percebidos (ou não) pelos professores e alunos-já-professores no espaço psíquico da sala de aula e em seus percursos formativos. Para tanto, teve como *locus* de investigação o Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias (CCET) da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e fez uso de entrevistas exploratórias semidirigidas associadas à escrita da memória educativa, envolvendo docentes e discentes vinculados aos cursos de licenciatura em Física, Matemática e Química. A expressão "alunos-já-professores", utilizada no estudo, refere-se aos sujeitos que ocupavam simultaneamente duplo papel: estudantes matriculados nos cursos de licenciatura e em exercício docente na Educação Básica. A esse respeito, é importante sublinhar que, em razão do déficit de professores com formação específica em Física, Matemática e Química no interior do estado da Bahia, é trivial encontrar, em escolas públicas e privadas, estudantes universitários atuando como professores substitutos/temporários nessas áreas e nas afins.

O estudo revela que, historicamente, Ciências

Exatas são uma área do conhecimento que reúne disciplinas marcadas por estereótipos, estigmas, medos, angústias, enfim, mal-estares. Seja no contexto das instituições de ensino públicas ou privadas, da Educação Básica à Superior, resguardadas suas especificidades, o campo das Ciências Exatas (estigmatizadas como “duras” e “frias”, as *hard sciences*) é marcado por “singulares complexidades” e “inquietantes problemáticas”, entre as quais sobressaem os expressivos índices de reprovação, repetência e evasão escolar, entrelaçadas a apatias e mal-estares em relação à aprendizagem e à própria docência.

O “medo de Ciências Exatas” e o “não saber fazer docente” perante as dificuldades dos sujeitos em relação às aprendizagens matemáticas aparecem nas narrativas dos professores e alunos-já-professores repetidamente. Nesse sentido, são oportunos dois depoimentos: I) *“tinha tanto medo de matemática que eles não se permitiam aprender. (...) os profissionais da área ainda contribuem para perpetuar a ideia de que essas ciências só existem para mentes iluminadas”* (Professora/Curso de Matemática – entrevista); e II) *“aquela frase ‘ah, é um em cem milhões’; essa é a apresentação que a gente tem [dos cientistas e das Ciências Exatas]. (...) Putz! E aí a criança, o jovem, pergunta: será que eu vou conseguir ser esse um em um milhão nesse negócio? Deve ser difícil demais”* (Aluno-já-professor/Curso de Química – entrevista). Em outros termos, Isso compreende o discurso do Outro, de acordo com Santos (2023, p. 341):

discursos produzidos e disseminados socialmente por estratégias discursivas e políticas que habitam o imaginário escolar e universitário, muitas vezes incorporados pelos sujeitos desde suas infâncias – antes mesmo de se tornarem escolares – e “reatualizados” inconscientemente em suas tentativas de aprender e ensinar, como por meio da produção de certos sintomas que podem afetar as relações com o conhecimento e o aprendido.

No contexto das Ciências Exatas, segundo o autor, discursos do grande Outro sobre esse campo do conhecimento – tais como “um saber destinado aos gênios”, “um saber ‘cientificamente verdadeiro’ e ‘superior’ àquele produzido pelas

Humanidades”, “uma área masculina e, portanto, não autorizada às mulheres”, entre outros –, transmitidos e repetidos através das gerações, são reproduzidos de maneira consciente e/ou inconsciente nos espaços escolares e não escolares, com possíveis repercussões no mal-estar docente e discente. Entende-se que muitos impasses no aprender e no ensinar podem ser produções sintomáticas do sujeito ligadas a significantes presentes no imaginário social e educativo: “o sujeito se inscreve no discurso, ou seja, no laço social, no interior do qual os sintomas são produzidos, pois não há sujeito fora do campo do Outro e de um arranjo sintomático” (Santos, 2023, p. 341).

Tal-qualmente, a construção da identidade e da subjetividade docentes, a despeito da área de conhecimento em que o professor atue, está sujeita ao discurso do Outro. As narrativas dos professores e alunos-já-professores apontam a compreensão de que o “ser” professor(a) não se constrói desvinculado do contexto social mais amplo: a escolha da profissão e, portanto, a permanência no ofício ou a desistência da carreira docente não estão desconectadas do contexto sociopolítico. Nas palavras de uma professora participante da pesquisa de Santos (2023):

A desvalorização da profissão docente não se resume aos salários ruins. A precarização do trabalho, a desvalorização profissional e social, é reflexo de uma sociedade, de uma história de país Muitos problemas que enfrentamos atualmente, como a questão da violência contra os professores, por exemplo, são direta e/ou indiretamente estimulados ou agravados pela desvalorização da profissão. (Professora/Curso de Matemática – memória educativa)

Em meio a mal-estares, o professor, de modo consciente e/ou inconsciente, renuncia à profissão, retirando-se de cena – subjetivamente, quando, por exemplo, “desiste sem desistir”, ou literalmente, quando abandona a carreira educacional –, às vezes antes mesmo de se colocar à prova. A esse respeito, Pereira (2016, p. 222) delinea o conceito de demissão subjetiva do professor: “muitos professores ressentem o desgaste ostensivo de seu ofício, sucumbem à rotina ou ao desinteresse indisfarçado de seus

alunos e não conseguem inventar saídas mais ou menos satisfatórias para tal", ou seja, demitem-se subjetivamente em face do "impossível da educação". O relato a seguir, de uma aluna-já-professora que durante a graduação manifesta o não desejo pela docência, corrobora essa ideia (Santos, 2023, p. 118):

trabalhar desanimado com o que você faz, pensando o tempo inteiro em mudar de carreira, não é legal. (...) o que dificulta muito é a desvalorização da carreira profissional. Eu acho que muita gente boa sai da carreira por causa disso. (...) uma coisa que dificulta é uma questão cultural também. (...) o professor ele ainda é visto como uma categoria profissional inferior. (...) quando eu dava aula, assim, nossa, o salário era tão ridículo que você ficava assim: "gente, como as pessoas vivem com isso, assim, o resto da vida?". (Aluna-já-professora/Curso de Física – entrevista)

Ademais, é importante registrar que, nas narrativas docentes, são constantes as queixas sobre a indisciplina escolar, a indiferença dos estudantes em relação à figura do professor e o desinteresse quanto à instituição escolar e aos saberes que ela veicula. Acerca disso, uma docente assim manifesta: "o professor não tem autonomia, não tem autoridade na escola; ele ocupa um lugar que é visto como um lugar qualquer e ao ocupar esse lugar sofre com a indisciplina, humilhações, agressões verbais e até física, assédio moral, psicológico..." (Professora/Curso de Matemática – memória educativa).

Em face do exposto, algo comum atravessa os estudos de Lara (2021), Squarisi (2021) e Santos (2023): os professores querem – e necessitam – falar. Portanto, esta é a nossa aposta: construir com e para os professores espaços sensíveis e francos de fala e escuta, para que verbalizem e, quem sabe, reelaborem seus mal-estares, para que, das ressignificações, possíveis saídas sejam (re)inventadas, resgatando-se a capacidade de criar.

5 Para (in)concluir: em face do mal-estar docente, o que fazer?

Numa perspectiva freudiana, o mal-estar na educação é inevitável, dada a "dimensão impos-

sível" que a tangencia. Para Freud (1937/1996, p. 265), assim como a política (governar) e a própria psicanálise (curar), a educação (educar) é uma "profissão impossível", sobre a qual de antemão "se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios". Por se tratar de "profissão da falta", seria da ordem do impossível o professor gozar de resultados plenamente satisfatórios, pois, conforme lembra-nos Lajonquière (2010), na educação sempre há ausências, insatisfações, resultados que, além ou aquém do pretendido, sempre "deixam a desejar".

Portanto, como "profissionais do impossível", imersos nesse contexto de falta estrutural, os professores encontram seu mal-estar – como vimos, sutil ou expressamente manifestado – de múltiplas maneiras. Diante do exposto, a pergunta recorrentemente flagrante entre eles é: o que fazer?

A partir da análise de estudos psicanalíticos no campo da educação, Carneiro et al. (2021, p. 226-227, grifo nosso) pontuam que, no tocante às possíveis formas de enfrentamento ante o mal-estar, a tendência encontrada nos trabalhos "foi aquela que permite ao professor a aceitação de certa impossibilidade própria da função educativa". Entre as estratégias de enfrentamento adotadas pelos docentes, "a ampliação da formação, a possibilidade de falar e ser escutado, o argumento da existência do inconsciente e a condição de um domínio parcial sobre o fazer docente contribuiriam para a aceitação da impossibilidade de tudo saber e, conseqüentemente, de tudo ensinar".

Cabe sublinhar que essa "aceitação da impossibilidade" e, portanto, a "aposta no que é possível" não podem ser confundidas com desistência ou acomodação perante os problemas e desafios no campo da educação. Segundo Lajonquière (2010), impossível não significa que não adianta fazer nada, pois a psicanálise não é e não pode ser justificativa para o cinismo. Em outras palavras, para Kupfer (1989, p. 59): "impossível não é sinônimo de irrealizável". A psicanálise, ao apontar a realidade, lembra-nos que a falta permeante do real educativo não deve servir de

pretexto para o conformismo: é compreensível que o encontro com a incompletude possa gerar sofrimentos e até paralisias, mas pode, também, mobilizar o sujeito, impulsioná-lo a buscar soluções e reinventar-se pessoal e profissionalmente (Santos, 2023).

Acerca do mal-estar docente, Voltolini (2018, p. 84) pontua que "em geral, não é uma sede de conhecimento que move o professor a aprofundar sua formação, mas um desejo de compreensão daquilo que muitas vezes o perturba em seu trabalho". Nesse sentido, Pereira (2017, p. 84) faz uma observação importante: ao longo da história da educação brasileira – submetida a constantes propostas reformistas – foi-se construindo "um sem número de políticas de formação e de trabalho docente voltadas para um educador genérico, abstrato e teórico", muitas vezes idealizadas e sustentadas pelos saberes de "especialistas da educação" ou mesmo motivadas por "modismos de teorias passageiras, que, de tempos em tempos, entorpecem o universo educativo". Por outro lado, destaca o autor, em sintonia com o que sinaliza Voltolini (2018): "parece estar havendo em nossos dias uma espécie de sobrelevação daquilo que o sujeito julga como mais genuíno e digno de ser narrado: sua experiência, seus impasses e seus próprios modos de subjetivação" (Pereira, 2017, p. 84).

Nessa direção, pensamos que o mal-estar docente precisa ser falado, escutado, debatido. Nas palavras de Pereira (2017, p. 84), "difícilmente conseguiremos avançar sem que algo específico da prática do professor seja recolocado no epicentro do debate". Devemos, então, "repensar suas condições de trabalho, sua remuneração, suas relações com o saber e com a formação são essenciais, mas, sobremaneira, precisamos auxiliar o professor a recuperar sua coragem moral para atuar em situações de incerteza e descontinuidades". Ademais, um dos desafios atuais, segundo o autor, é entender o "mal-estar na civilização" presente no circuito pedagógico e possibilitar aos professores o encontro com possíveis formas de lidar com o "impossível da educação", sem se deixarem afetar pelo senti-

mento de que não há saída e que, portanto, nada podem(os) fazer.

Pereira (2017, p. 85) considera plausível formadores e gestores de professores que admitem a orientação psicanalítica "instituírem fóruns ou espaços de fala individuais e coletivos nos quais os docentes possam expor livremente seus impasses, experiências e subjetividades; que tenham, com isso, a chance de destravar formas fixas de sintoma". Para tanto, sublinha o autor, "pensamos ser vital que haja nas escolas um profissional, na pessoa do pedagogo, do coordenador dessa área ou do formador de professores, que opere inspirado na técnica freudiana 'recordar, repetir e elaborar". Ou seja, demanda-se um profissional que seja capaz de promover uma "escuta apurada", sem moralismos e apego a supostas verdades, para que a palavra dos sujeitos circule em "francos espaços de fala". Todavia, para que isso ocorra, "deverá ter sido ele escutado subjetivamente, ter interrogado seus próprios sintomas, consentir com o inconsciente e oferecer-se como suporte transferencial de suposto saber para os que lhe procuram" (Pereira, 2017, p. 85).

Nas palavras de Zelmanovich (2017), "a possibilidade de ser um docente sensível aos indícios da própria angústia" é uma das contribuições de uma formação de professores orientada pela psicanálise. Assim como a autora, pensamos que o professor, ao "escutar e elaborar" seu mal-estar, talvez se habilite a reconhecer n'isso uma possível abertura, para que possa transpor o "impossível da educação" por meio de um (re)posicionamento subjetivo e da conseqüente (re)invenção de si e do ser, do saber e do fazer docentes. Afinal, em "tempos complexos", cada professor lida com o mal-estar à sua maneira, animado pela singularidade do seu desejo (Santos, 2023).

Não adianta ignorar ou tratar com superficialidade e naturalizar o mal-estar no exercício da profissão docente – parece haver uma crença de que, se a "educação é impossível", o esperado é que todos sofram. Talvez seja necessário (re) pensar as possibilidades de acolhimento e elaboração desse mal-estar manifesto e latente. Na perspectiva apontada por Pereira (2017, p.

85-86), reiteramos a aposta psicanalítica na "cura pela palavra" como possibilidade de provocar os professores a "inverter a inércia que o sintoma substancializa e permitir novos modos de subjetivação", para que, quem sabe, consigam "fazer laços menos mortíferos com o real e a reverter aquilo de que padecem".

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB).

Referências

- Blanchard-Laville, C. (2005). *Os professores: entre o prazer e o sofrimento*. Loyola.
- Carneiro, C., Corrêa, B., Theles, J., Scherer, L., Teixeira, L., Miceli, L., Barbosa, P., Santos, R., Nascimento, S., Santos, T., & Lima, Y. (2021). Mal-estar de professores: revisão sistemática na psicanálise (1998-2018). *Revista Contemporânea de Educação*, 16(35), 210-232. <https://doi.org/10.20500/rce.v16i35.35549>
- Fanizzi, C. (2021). Das representações às ilusões acerca do ser e do fazer docentes. In J. Rosado & M. Pessoa. *As abelhas não fazem fofoca: estudos psicanalíticos no campo da educação* (pp. 115-136). Instituto Langage.
- Fanizzi, C. (2023). *O sofrimento docente: apenas aqueles que agem podem também sofrer*. Contexto.
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 18, pp. 1-41). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 23, pp. 231-270). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 21, pp. 37-91). Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Kupfer, M. C. M. (1989). *Freud e a educação: O mestre do impossível*. Scipione.
- Kupfer, M. C. M. (2013). *Educação para o futuro: Psicanálise e educação*. Escuta.
- Lajonquière, L. (2010). *Figuras do infantil: A psicanálise na vida cotidiana das crianças*. Vozes.
- Lara, C. Q. C. (2021). *Formação de professores em ambiente hospitalar: Uma leitura a partir da psicanálise na educação* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
- Pereira, M. R. (2008). *A impostura do mestre*. Argumentvm.
- Pereira, M. R. (2016). *O nome atual do mal-estar docente*. Fino Traço.
- Pereira, M. R. (2017). De que hoje padecem os professores da Educação Básica? *Educar em Revista*, (64), 71-87. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.49815>
- Pereira, M. R. (2020). A psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. In R. Voltolini & R. Gurski. *Retratos da pesquisa em psicanálise e educação* (pp. 45-61). ContraCorrente.
- Sacco, R. D. (2017). *Para uma etiologia da renúncia ao professor: Alguns apanhados da corte ao neoliberalismo no Brasil* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP.
- Santos, S. M. (2023). *Impasses no aprender e ensinar Ciências Exatas: O saber e a profissão professor(a) entre o desejo e a renúncia – uma leitura pela Psicanálise-Educação* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
- Squarisi, K. M. V. (2021). *Memória educativa de professores do PNAIC: Uma leitura psicanalítica do mal-estar na alfabetização* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
- Voltolini, R. (2018). *Psicanálise e formação de professores: Antiformação docente*. Zagodon.
- Zelmanovich, P. (2017). Considerações sobre a angústia como obstáculo e oportunidade para lidar com o segregativo na formação de professores. In M. R. Pereira (Org.), *Os sintomas na educação de hoje: O que fazer com "isso"?* (pp. 241-251). Scipitum.

Caren Castelar Queiroz Lara

Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade de Brasília. Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. Professora da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Sagrado Coração de Bauru, mestra em Educação pela Universidade de Brasília e doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, com pós-doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília.

Katilen Machado Vicente Squarisi

Doutora e mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Brasília. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília. Orientadora Educacional da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Silvano Messias dos Santos

Doutor em Educação pela Universidade de Brasília e mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Oeste da Bahia. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Gestão e Políticas Públicas para a Educação Básica pela Universidade do Estado da Bahia e em Direitos Humanos e Contemporaneidade pela Universidade Federal da Bahia.

Endereço para correspondência:**CAREN CASTELAR QUEIROZ LARA**

Universidade de Brasília (UnB)
Condomínio RK, Centaurus, I, cs 16
73252-900
Sobradinho, DF, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.